

EDUCAÇÃO BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS NA PRÁTICA: VIVÊNCIA COM ALUNOS SURDOS E MATERIAL ADAPTADO

Bianca Salles Conceição – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

Luísa Leôncio Monti – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Programa de Pós Graduação em Educação Escolar

Vanessa Regina de Oliveira Martins – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

Mariana Peres Moraes – Instituto Federal de São Paulo (IFSP)

Eixo Temático: Exemplo: Eixo 6 - Políticas e Práticas na Educação Especial

Categoria: Pôster

RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar a vivência prática em uma disciplina do curso de Tradução e Interpretação em Libras/Português (TILSP) que foca na atuação do intérprete educacional. Usou-se para embasamento teórico a filosofia da diferença pautada especificamente em Michel Foucault e pesquisas relacionadas ao campo da surdez. A experiência ocorreu em uma Universidade Federal do estado de São Paulo, a partir da atividade pertencente a uma disciplina ofertada pelo curso TILSP, na qual os graduandos deveriam desenvolver vídeos baseados em histórias infantis em língua de sinais. A atividade desenvolvida neste relato teve como participantes os alunos graduandos e alunos surdos de uma escola inclusiva com proposta bilíngue das etapas de ensino: Educação Infantil e Ensino Fundamental ciclo I e II. As etapas para desenvolvimento dessa atividade foram: 1) Receber os alunos surdos; 2) Assistir aos dois vídeos; 3) Dividir tanto os alunos surdos quanto os graduandos em dois grupos para a instrução da atividade e 4) Solicitar aos alunos surdos a recontação da história a partir de orientações dos graduandos realizadas em língua de sinais. Como resultado consideramos a relação dos alunos surdos com os materiais produzidos em Libras, a interação em Libras; a percepção das especificidades de uso da língua de sinais pelo público infantil e jovem e, a compreensão da importância da Libras na relação de aprendizagem de crianças surdas.

Palavras-chave: Educação Bilíngue. Surdez. Materiais adaptados. Contação de história. Libras.

1. INTRODUÇÃO

A partir de pesquisas desenvolvidas (LACERDA; SANTOS; MARTINS, 2016, CONCEIÇÃO, 2017, ALMEIDA, 2017, MORAIS, 2018), podemos observar o grande desenvolvimento de crianças surdas que tem como sua base educacional a instrução na Língua Brasileira de Sinais - Libras, se constituindo em uma Educação Bilíngue, em que a Libras atua como primeira língua (L1) e a língua portuguesa como segunda língua (L2), em sua modalidade escrita, realizadas em escolas inclusivas com projetos bilíngues, nomeadas de Escolas-Polo.

Com base nessa premissa, segundo Gurgel *et al.* (2016), oferecer uma educação de qualidade, que resista a essa segregação de língua e gramática única para crianças surdas e que necessitam de uma língua sem impedimento físico para o desenvolvimento de sua subjetividade, em espaços construídos historicamente (ideologicamente) monolíngues (no ensino pela língua oral, no Brasil, pelo português), não é uma tarefa simples.

A partir da Lei 10.436 de 2002, conhecida como “Lei de Libras”, a língua de sinais foi reconhecida como “meio legal de comunicação e expressão [...] e outros recursos de expressão a ela associados” (p.1). Dessa forma, com esse ganho baseado nas lutas travadas pelas comunidades surdas do país, a Libras foi ganhando aos poucos cada vez mais visibilidade, preenchendo diversos campos de nossa sociedade: culturais, religiosos e, principalmente, escolares, que é o foco do presente relato de experiência.

Assim, segundo Lacerda e Goés (2007), o ambiente escolar, pensado especificamente nos educandos surdos, deve “(...) oferecer oportunidades para que a criança se torne bilíngue, esteja em interação com pares em sua língua e tenha contato com a comunidade surda, podendo se reconhecer como pertencentes a ela e (re)conhecer aspectos pertinentes a surdez” (p.1).

Desse modo, fundamentado pela resistência em relação ao reconhecimento e a dificuldade de colocação da Libras na sociedade, ocasionada por barreiras linguísticas de uma cultura monolíngue, o Decreto 5.626/05 vem em resposta a todos os jogos de verdades presentes no corpo social, fundamentadas nas resistências surdas cravadas pelos sujeitos que fazem parte dessas comunidades e pesquisadores da área, visando a importância da escola como um lugar outro na constituição dos sujeitos surdos e ressignificação da surdez (CONCEIÇÃO, 2019).

Este trabalho será pautado nos estudos do campo da surdez juntamente com as contribuições relacionadas a filosofia da diferença, mais especificamente com o filósofo Michel Foucault. Vale salientar que o filósofo nunca pesquisou assuntos referentes a

surdez, mas seus conceitos e contribuições desenvolvidos ao longo de sua vida servem de base teórica para tal objeto de estudo.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de um relato de experiência, cujo objetivo é compartilhar a vivência prática em uma disciplina com foco na atuação do intérprete educacional, oferecida pelo curso de Tradução e Interpretação em Libras/Português (TILSP) em uma Universidade Federal de São Paulo. A determinada experiência tinha como participantes alunos surdos de escolas inclusivas com propostas bilíngues das seguintes etapas educacionais: Educação Infantil e Ensino Fundamental ciclos I e II.

Dessa forma, os alunos da disciplina foram divididos em grupos e desenvolveram, ao longo do semestre, vídeos de contações de histórias voltados para faixa etária de 0 a 5 anos, ou seja, crianças que estariam matriculadas na Educação Infantil. Ao longo das aulas, foram escolhidos dois vídeos dentre todos apresentados que estivessem com a língua de sinais fluente e com edições que chamariam mais a atenção das crianças.

Posteriormente, a professora responsável pela disciplina convidou os alunos surdos de uma determinada escola inclusiva com proposta bilíngue para que fossem até a Universidade. Assim, as etapas foram divididas da seguinte maneira 1) Receber os alunos surdos; 2) Assistir aos dois vídeos; 3) Dividir tanto os alunos surdos quanto os graduandos em dois grupos para a instrução da atividade e 4) Pedir para os alunos surdos recontarem a história a partir de orientações dos graduandos em língua de sinais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do que foi proposto nos procedimentos da atividade criada pela professora responsável pela disciplina, pudemos, como graduandos, ter o contato com crianças surdas e aproximação de materiais que podem ser disponibilizados para fins educativos. Nesse sentido, a recepção das crianças da Educação Infantil até o Ensino Fundamental ciclo II, aconteceu inteiramente em Língua de Sinais proporcionando um ambiente bilíngue no qual as crianças estão familiarizadas e respeitando, principalmente, sua língua matriz.

O surdo se vê ou se inscreve como sujeito por meio da Língua Brasileira de Sinais, por isso matriz, projetando-se, dessa forma, uma estrutura de língua, de sujeito. Em alguns eventos, atualmente, (INES), tem-se escolhido usar a

denominação “língua matriz” e não L1, por conta do tempo de apropriação e para identificar que determinada língua singulariza o sujeito, que o coloca em processo de funcionamento. Independentemente do indivíduo ter aprendido, no caso, a Libras posteriormente da Língua Portuguesa, a língua de sinais ainda continua sendo sua matriz, pois o projeta como sujeito (CONCEIÇÃO, 2019, p. 47).

Destarte, faz-se extremamente importante a implementação desse formato de instrução bilíngue para surdos desde a primeira etapa da educação básica, pois, segundo Lacerda *et al.* (2016, p. 15):

(...) neste nível educacional a criança vivencia um momento de seu desenvolvimento que é a base para a formação de sua(s) subjetividades(s) construída(s) por meio da relação que estabelece com os outros (pares e adultos) e pela vivência de diversos fatos no ambiente escolar, juntamente com acontecimentos que experimentam fora da escola, por meio da linguagem.

A atividade foi apresentada por uma das graduandas em Libras, explicando as etapas que seriam desenvolvidas a partir daquele momento. Podíamos perceber a atenção das crianças e o envolvimento com as propostas apresentadas, demarcadas por comentários dos próprios alunos, perguntas realizadas e ansiedade em serem escolhidos para apresentar o teatro recontando a história e utilizando os acessórios para interpretar os personagens.

No momento da atividade pudemos constatar diversas realidades de crianças surdas presentes naquele espaço: crianças que usavam aparelho auditivo em uma orelha ou em ambas; que usavam implantes cocleares em uma orelha; implante coclear nas duas orelhas; ou ainda um aparelho e um implante coclear, e até mesmo aquelas que não usavam nenhum tipo de aparato, mas todas elas tinham duas questões fundamentais em comum: eram surdas e usuárias da língua de sinais criando suas subjetividades em matrizes de experiências (FOUCAULT, 1983) onde experiência se funda e consiste em três noções. A tríade se refere na relação entre um campo de saber que constrói verdades, criando comportamentos e, assim, tendo como seu “produto” final a construção de sujeitos, subjetividades e modos de ser, esses se constituindo a partir de uma diferença linguística apresentada baseados em um discurso cultural da surdez.

Posteriormente a essa recepção, as crianças assistiram os dois vídeos produzidos pelos graduandos do curso com histórias infantis em Libras. Os vídeos escolhidos foram: a reprodução dos “Três Porquinhos” e a fábula “O Leão e o Ratinho”. Nesse momento, foi interessante perceber como as crianças e jovens demonstravam interesse sobre os vídeos apresentados, percebendo suas interações com os materiais disponibilizados. É importante destacar que a proposta inicial da atividade tinha o foco somente nos alunos de Educação Infantil da escola inclusiva bilíngue, mas por uma falta

de materiais existente em língua de sinais, segundo Soares (2006), acabou gerando o interesse dos jovens de poderem ter contato com ferramentas em sua língua matriz.

Todos os alunos entenderam os vídeos que lhes foi apresentado, fizeram diversos comentários ao longo do tempo, comentavam sobre a história entre si, faziam sinais que os graduandos tinham utilizado para contar a história. O envolvimento na atividade foi evidente desde o momento que os recebemos, percebendo a importância da Libras na relação de aprendizagem e interação das crianças e jovens surdos.

Em vista disso, assim como o projeto bilíngue propõe, tentamos com essa atividade gerar, com base na língua de sinais, um espaço para narração e brincadeiras que favoreceram a formação psíquica, aquisição de linguagem da criança com apropriação de novos conceitos, conseguindo construir suas múltiplas identidades, entre elas, a concepção do ser surdo (GURGEL *et al.*, 2016). Apesar das atividades terem sido fundamentais, o fator de maior importância para o desenvolvimento dos alunos foi a circulação da Libras, a troca linguística estabelecida entre as crianças surdas que estavam agrupadas entre si, como ocorreu também na atividade proposta.

No momento de divisão dos alunos da escola e dos graduandos, ficamos responsáveis pela história dos “Três Porquinhos”. Para começar a atividade procuramos criar um laço com as crianças e nos conhecermos melhor. Perguntamos nomes idades e curiosidades sobre cada uma, antes de iniciarmos a atividade. Assim, quando já estávamos mais habituados uns aos outros, começamos as instruções. Foram sorteadas três crianças que representariam os porquinhos, uma para ser o lobo e, por fim, outra para ser o narrador da história. As demais ficaram de apoio, dando sugestões, ideias e ajudando os outros a lembrarem suas falas.

Primeiramente, ensaiamos com todo o grupo, de modo que os alunos recontaram a história assistida sem que precisassem de nosso auxílio, esclarecendo o entendimento da Libras nos vídeos. Todos estavam muito eufóricos querendo participar do teatro e usar os adereços que planejamos, por isso, escolhemos sortear. Ensaíamos algumas vezes e as crianças utilizaram parâmetros formacionais (Gesser, 2009) corretamente como: movimento, localização, configurações de mão, entre outros.

No último momento, chegou a hora mais esperada pelos alunos: a de recontarem a história a partir do teatro que montamos juntos. Podemos ver como estavam entretidos e como se esforçaram para concluir as atividades. Até mesmo os adolescentes participaram, quiseram interpretar os personagens da história, percebendo as especificidades do uso da língua pelas crianças e jovens. A Libras, nesse momento, tomou conta de cada um desses sujeitos podendo perceber suas subjetivações e

desenvolvimento a partir dessa língua. Segundo Guarinello (2013), a formação subjetiva da criança surda depende de diversos fatores que vão se construindo ao longo de suas vivências desde o ambiente social, familiar, educacional pela escolha de suas opções pessoais de comunicação.

Rodriguero e Yaegashi (2013) afirmam que o desenvolvimento é feito de uma forma muito mais rápida em Libras do que pela oralização, que é uma forma imposta socialmente por uma língua que não os representa, tanto por questões biológicas quanto culturais e identitárias. A escola e as atividades adaptadas para a língua de sinais, nesse contexto, possibilitam muito além de aquisição de linguagem para as crianças: oportunizam um lugar de encontro, de reorganizar a surdez e o próprio ambiente escolar.

Segundo Souza (2018, p. 123), quando o surdo encontra a língua de sinais, “a comunicação que produz significados abre horizontes, e acessos podem ser constatados (...)”. Por esse motivo, a partir do momento que a criança surda se encontra em sua língua matriz, todo o processo futuro fica mais simples, pois daquele momento em diante consegue significar o mundo.

Lacerda (2000) afirma que o sujeito deve ser exposto, o mais cedo possível, à língua de sinais, “identificada como uma língua passível de ser adquirida por ele sem que sejam necessárias condições especiais de ‘aprendizagem’”. Tal proposta educacional permite o desenvolvimento rico e pleno da linguagem, possibilitando ao surdo um desenvolvimento integral” (LACERDA, 2000, p. 53), podendo ser constatada nesta atividade proposta, a partir do envolvimento, desenvoltura, conforto e fluência que presenciamos em relação aos alunos surdos com sua língua matriz.

O reconhecimento e uso da Libras é muito mais do que só o assentimento da língua, é o entendimento da surdez ou o início dessa compreensão e a aquiescência da diferença de sujeitos. Nessa perspectiva, o surdo pode ser regular em sua irregularidade (FOUCAULT, 2010), ou, em outras palavras, normal em sua anormalidade, singular em suas singularidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato procurou compartilhar um momento de vivência prática em uma disciplina do curso de Tradução e Interpretação em Libras/Português (TILSP) que foca na atuação do intérprete educacional.

A partir da experiência com alunos surdos, anteriormente relatada, podemos salientar suas interações com os materiais adaptados e produzidos em língua de sinais.

Esse tipo de instrução bilíngue, a partir de uma abordagem socioantropológica da surdez, reitera que o contato da criança surda deve ser feito o mais precocemente possível para que possamos evitar o atraso de linguagem e de conhecimento de mundo por parte desses sujeitos.

Constantemente, ocorre, o atraso da linguagem, por uma maioria de crianças surdas serem filhos de pais ouvintes, optando muitas vezes por outros métodos que não sejam a língua de sinais (GUARINELLO, LACERDA, 2007). Porém, é a partir do contato com a Libras que o sujeito se reconhece e forma sua identidade.

Portanto, a importância de se desenvolver materiais adaptados em língua de sinais visando o melhor aproveitamento das aulas e entendimento dos alunos, proporciona o encontro de suas singularidades e especificidades.

Este relato de experiência auxilia na discussão de políticas públicas relacionadas a resistências da comunidade surda concernente a língua de sinais e, provoca a possibilidades para que outros estudos abordem, comprovem, sugiram a importância da língua de sinais na subjetivação do sujeito surdo, assim como oportuniza a utilização de materiais adaptados para o público surdo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.C.A. **Uma heterotopia pedagógica: práticas bilíngues com alunos surdos em salas multiseriadas**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2017.

BRASIL. **Lei 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispões sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 31 jan. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 01 mai. 2016.

CONCEIÇÃO, B. S. **Educação Bilíngue de Surdos: A pedagogia tem contribuído com essa formação?** 2017. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CONCEIÇÃO, B.S. **Práticas Discursivas sobre a surdez e a Educação Infantil: diálogo com familiares**. 2019. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

FOUCAULT, M. Aula de 5 de janeiro de 1983 – primeira hora. In: _____. **O Governo de Si e dos outros**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo.

FOCAULT, M. Aula de 22 de janeiro de 1975. In: _____. **Os anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2010.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 83 p.

GUARINELLO, A.C. et al. **Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes-filhos surdos**. Paraná, 2013.

GURGEL, T. M. do A.; TURETTA, B. a. dos R.; ROSA, L. A.; SILVA, R. R. da. Aquisição de Libras na Educação Infantil. In: _____. LACERDA, C.B.R; SANTOS, L.F dos; MARTINS, V.R.O. **Escola e Diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016, p. 65-78.

LACERDA C.B. F. de. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: Lacerda, C. B. F. de; GOÉS M. C. R. (org). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

LACERDA, C. B. F.; GOÉS, M. C. R. A educação infantil e o processo de construção da condição bilíngue pela criança surda. In: **Encontro de Pesquisa em educação da região sudeste**, 8., 2007, Vitória, Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007. p. 1 – 9.

LACERDA, C.B. F. et al. Educação inclusiva bilíngue para alunos surdos: pesquisa e ação em uma rede pública de ensino. In: _____. LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos; MARTINS, V. R. O. **Escola e Diferença: caminhos para educação bilíngue de surdos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016, p. 65-78.

MORAIS, M. P. **Trajetórias de resistência em escolas inclusivas municipais com propostas de educação bilíngue inclusiva para surdos**. 2018. 98p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

RODRIGUERO, C.R.B.; YAEGASHI, S.F.R. A família e a criança surda. In: _____. **Família e o filho surdo: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2013. p. 13 – 24.

Soares, R. S. (2006). **Multiculturalismo e linguagem**: literatura surda, o caminho contrário ao esquecimento. ETD - Educação Temática Digital, 7(2), 34-46. Disponível em: <<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101565>>

SOUZA, G. F. **Relações familiares entre surdos e ouvintes: análise de narrativas biográficas**. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.